

# Combate às Opressões

## Contribuição 1

**COLETIVO “SEMPRE NA LUTA LUTADORES E PIQUETEIROS”**

### **COMBATE ÀS OPRESSÕES**

#### **GÊNERO**

As mulheres se levantam pelos seus direitos em todo mundo. O Dia 08 de Março em 2024, foi marcado de manifestações com presença de milhões de mulheres, inclusive nos países asiáticos e árabes.

Na França as mulheres tiveram uma grande vitória, depois de longos anos de luta: o aborto hoje é um direito constitucional. Nos EUA tivemos um retrocesso com Trump, através do judiciário e na Argentina Milei promete criminalizar o aborto.

Hoje no Brasil temos 37 mil mulheres em situação de rua, muitas com famílias que se empobreceram com o desemprego, falta de saúde e outros, sem nenhuma política pública.

NA USP - As mulheres da USP devem se unir e exigirem a democratização da universidade, o combate ao assédio moral, sexual e de gênero, bem como, a defesa dos direitos produtivos das mulheres e a legalização do aborto, com políticas públicas de saúde de qualidade, para aquelas que decidirem pela não gestação.

A falta de democratização e paridade nos órgãos colegiados da USP, retira todas as oportunidades das mulheres em ocuparem espaços de decisões. O machismo se utiliza das mulheres para determinados cargos, sem que as mesmas tenham poder de decisões, pois os cargos que ocupam se submetem a organismos que na maioria são formados por homens e a ocupação destes cargos, como de vice-reitora e pró-reitora, é meramente de bibelôs.

A USP é machista, pois temos poucas diretoras de unidades e quando aparece uma que não aceita a “imposição de pensamento e política da reitoria” ela é descartada como foram várias professoras que ocuparam cargos de direção.

**REFORÇAR e apoiar o trabalho e proposituras das Secretaria de Mulheres, Secretaria de Negras e Negros, Secretaria LGBTQIA+.**

**A FAVOR do Aborto com políticas públicas de atendimento gratuito e de qualidade para as mulheres.**

**A FAVOR DAS Cotas Raciais, inclusive nos concursos Públicos. Fim do Vestibular.**

**CONTRA toda forma de opressão machista, racista, lgbtfóbica e xenófoba. Punição e criminalização dos que praticam esses crimes.**

**Assina:**

**COLETIVO “SEMPRE NA LUTA LUTADORES E PIQUETEIROS”**

# Contribuição 2

## Comunistas Revolucionários

### Combate às Opressões

Um dos temas mais recorrentes na universidade é o das opressões, e ele está associado ao surgimento de inúmeras categorias que pretendem redefinir o modo como encaramos sexualidade, racismo, gênero, etc. Esta redefinição, se bem cumpra o positivo papel de trazer à superfície questões normalmente deixadas de lado e que envolvem o sofrimento físico e psíquico e a marginalização social de inúmeros setores historicamente discriminados, também perturba o sentido lógico das coisas e sua devida compreensão, procurando alterar o significado profundo de conceitos usuais e úteis.

Por exemplo: biologicamente, só existem dois gêneros: masculino e feminino; o hermafroditismo é um fenômeno raro. A insistência em tentar introduzir novos gêneros no vocabulário para descrever comportamentos sexuais ou o maior o menor grau de identificação com determinadas características não só não contribui em nada para o entendimento e a aceitação social de comportamentos sexuais particulares ou formas de falar e se vestir, como estigmatiza ainda mais essas particularidades. Do ponto de vista da definição de normas procedimentais em saúde pública, embaralhar o conceito de gênero é ainda mais incompatível com a realidade.

A estratégia é lutar no mundo das ideias para transformar a realidade por meio de uma percepção perturbada dela. A estratégia tem se mostrado totalmente inútil, como a tentativa de incluir um pronome neutro na língua portuguesa. (Nos países falantes de língua inglesa, o artigo definido é neutro há séculos e existe machismo e opressão sobre a mulher tanto quanto nos países falantes do português.) Dizer isso, embora possa parecer cômico, é necessário para libertar da máscara infantil com a qual querem revestir a importante batalha a ser travada pela liberdade sexual e igualdade entre todos. Veja a que nível de sandice chegamos. Chega de lutas imaginárias que não servem para nada, que não têm alcance nenhum e que só desmoralizam a esquerda! Chega de revoluções linguísticas de uma língua que ninguém fala e que não tem nenhum impacto na vida das pessoas reais!

Defendemos a intensificação da campanha pela mais ampla liberdade sexual desde a infância, pelo direito de demonstração pública da sexualidade, seja ela qual for, pelo reconhecimento legal para todos os fins de todo tipo de relacionamento afetivo (bigamia, poligamia, casamento homossexual, bissexual, etc.), pela emancipação sexual (para todos os fins legais) aos 14 anos de idade, pela possibilidade de adoção de crianças por casais homossexuais e polígamos estáveis ou não, pela disponibilização de operações de mudança de sexo para adultos no Sistema Público de Saúde, banheiros unissex (opcionais) nas repartições públicas, legalização da profissão de prostituta e garantia dos seus direitos trabalhistas, irrestrito direito ao aborto, etc.

É preciso criar um amplo programa de proteção aos jovens que são expulsos de casa, muitas das vezes, por intolerância sexual. Problema que afeta especialmente os transexuais.

Defendemos as cotas, inclusive nos concursos públicos, para pretos e transexuais, embora consideremos altamente insuficiente essa medida como meio de reparação histórica ou nivelamento social dos setores marginalizados. É preciso uma redistribuição radical da renda e a universalização do acesso ao ensino em todos os níveis para que se possa de fato solucionar o problema do negro e do travesti, medidas que são técnica, econômica e socialmente possíveis e até simples de implementar em uma sociedade socialista, mas incompatíveis com o funcionamento do atual regime. Por isso, rejeitamos a política que consideramos demagógica de todos os que querem criar uma nova elite negra e uma nova elite gay, a pretexto de combater o racismo e a homofobia.

Rechamos como absolutamente contraproducente a revitalização pretendida por setores de esquerda de credices e mitos atávicos de tempos imemoriais, como se tais mitos pudessem ajudar a libertar a população negra ou indígena. Lutamos contra o mito religioso seja qual forma ele assuma, respeitando, é

claro, o irrestrito direito à prática de qualquer religião, do satanismo ao espiritismo, do islamismo ao budismo, do jinaísmo ao candomblé. O retorno à ancestralidade é uma forma esdrúxula de reacionarismo extremo.

Defendemos a igualdade entre todos e, embora reconhecendo a particularidade da situação de cada etnia, raça, gênero, etc., não estimulamos nenhum tipo de divisão baseada nessas diferenças. Pelo contrário, instamos todos os setores marginalizados e os não marginalizados a se unirem na luta por uma sociedade onde todos tenham a obrigação de trabalhar, possam exercer as mais variadas funções e recebam salários iguais.

**Assinam:**

**Luiz Fellipe Lisbôa Mattos (FFLCH)**

**Idalina Fátima de Vale Nogueira (IP)**

---

# Contribuição 3

## MOVIMENTO NOSSA CLASSE E INDEPENDENTES COMBATE ÀS OPRESSÕES

### **Unir nossa classe na luta contra todas as opressões!**

#### **Considerando que:**

Com o aprofundamento da crise capitalista e com os governos de extrema direita como de Tarcísio, inimigo de todos os setores oprimidos, fortalecidos pela conciliação de classes do governo de frente ampla Lula-Alckmin vemos o avanço da privatização, da terceirização e da precarização do trabalho. É sobre os ombros dos oprimidos que recaem o ódio da extrema-direita que custam suas vidas, com o aumento do feminicídio, transfeminicídio, da violência policial do Estado, do racismo, da LGBTfobia.

Na USP, o avanço da terceirização escancara as contradições de uma universidade pública considerada a melhor da América Latina, com a piora nas condições de trabalho. São maioria de mulheres negras que trabalham nos postos mais precarizados das empresas terceirizadas. Recebem menos da metade do salário de um funcionário de nível básico. Além disso, a sobrecarga e as péssimas condições de trabalho são gritantes. A universidade sequer se compromete em garantir suas próprias responsabilidades em relação a refeitórios e vestiários, além de favorecer empresas terceirizadas que sistematicamente atrasam salários e benefícios. Por fim, os relatos de assédios moral e sexual e casos de violência sexual, são comuns e acobertados pela USP. Ou seja, sobre as trabalhadoras terceirizadas vemos a expressão mais acabada de como o patriarcado se materializa na vida das mulheres trabalhadoras: aprofunda a desigualdade salarial, o adoecimento físico e mental e a violência de gênero. Nenhuma campanha séria pela equidade de gênero pode estar alheia ao combate à terceirização e precarização do trabalho.

Pelo 15º ano consecutivo o Brasil é campeão de morte de pessoas LGBTQIA+. Recentemente o governo Lula-Alckmin lançou os parâmetros para o novo RG mantendo a obrigatoriedade do nome de registro junto ao nome social e do campo “sexo”, desrespeitando uma demanda histórica do movimento LGBT. Nosso sindicato carrega na sua história a defesa de todos os oprimidos. É preciso fortalecer as políticas de formação e debate sobre gênero e sexualidade, combatendo o machismo a transfobia e homofobia entre a nossa classe para fortalecer a unidade das nossas fileiras, incorporando suas demandas mais sensíveis à nossa luta.

O Brasil é o maior país negro fora da África. O racismo é uma forma de opressão criada sob o capitalismo no passado para escravizar milhões de negros e nos dias de hoje serve para aumentar os lucros dos capitalistas e dividir a nossa classe. A farsa da “democracia racial”, diz que negros e brancos têm igualdade de condições, localizando o racismo como um problema de indivíduos racistas para eximir a classe dominante e o estado capitalista da sua responsabilidade. Os postos de trabalho mais precarizados são ocupados por uma maioria de negras e negros. O PL da Uberização impacta diretamente nas relações de trabalho deixando os negros mais vulneráveis enquanto fortalece os lucros dos empresários.

São os negros a esmagadora maioria das vítimas das chacinas policiais, como a que acontece hoje na baixada santista. As mães de vítimas de violência do Estado têm se levantado no Brasil todo para denunciar a barbárie a que seus filhos foram submetidos. Precisamos estar ao lado dessas mulheres em defesa dos filhos da nossa classe, contra a violência policial e pelo fim de todas as polícias.

A revoltante situação dos povos originários, responsabilidade do capitalismo e que se aprofundou nos anos de Bolsonaro, com o governo Lula-Alckmin segue sem resposta, preservando os ruralistas à custa de sangue indígena e do meio ambiente. Fortalecer as mulheres, a comunidade LGBTQIA+, negros e indígenas da nossa categoria, significa defender a vida e os direitos dos oprimidos, que são linha de frente das lutas. Defendemos que as lutas contra as opressões sejam encampadas por todos os trabalhadores, unificando nossa classe e combatendo entre os trabalhadores as ideias que só servem à exploração e aos interesses da classe dominante.

Precisamos superar o limite imposto pelas burocracias sindicais da Força Sindical, CUT, CTB, UGT que atuam como um freio na luta de classes e separam a luta das mulheres, das LGBTQs e do povo negro das lutas econômicas mantendo sua trégua com o governo e com os patrões.

**Propomos:**

- 1) Fortalecer as Secretarias de Mulheres, de Negras e Negros e LGBTQIA+ do Sindicato;
- 2) Lutar em defesa da igualdade salarial entre negros e brancos, entre homens e mulheres;
- 3) Lutar contra as opressões e precarização do trabalho: efetivação dos terceirizados sem necessidade de concurso público!
- 4) Lutar pelo fim das operações policiais que assassinam a juventude negra e o povo trabalhador em todo o país, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia sem nenhuma confiança na Justiça. Confiamos apenas na força da nossa mobilização para arrancar justiça e pela punição dos responsáveis pelos assassinatos. Pelo fim dos tribunais militares! Lutamos pelo julgamento dos policiais por júri popular e pelo fim da polícia, essa instituição racista e assassina.
- 5) Lutar contra o PL do Marco Temporal, em defesa da demarcação de terras para indígenas e quilombolas!
- 6) Lutar contra a violência de gênero: por um plano de combate de violência às mulheres e LGBTQIA+!
- 7) Lutar pelo direito a creches para todas as trabalhadoras efetivas ou terceirizadas e todas as estudantes mães!
- 8) Lutar contra os discursos nacionalistas e xenófobos contra os imigrantes. Reafirmamos todo apoio aos trabalhadores imigrantes africanos, haitianos, bolivianos e venezuelanos.
- 9) Organizar os setores oprimidos de forma independente dos governos e patrões sem depositar nenhuma confiança no judiciário racista e machista!
- 10) Lutar pela separação entre Estado e Igreja, fundamental para a o direito ao aborto legal, seguro e gratuito e a liberdade de culto e o fim da perseguição às religiões de matriz africana.
- 11) Lutar pelo direito ao aborto legal, seguro e gratuito para acabar com as mortes de mulheres por abortos clandestinos!

**Assinam:**

**MOVIMENTO NOSSA CLASSE E INDEPENDENTES**

# Contribuição 4

## Contribuição da Diretoria

### LUTA CONTRA AS OPRESSÕES

#### Considerando que:

O capitalismo se apoia e mantém historicamente os diversos tipos de opressão que servem à sua dominação de uma classe sobre a outra e à maior exploração desses setores. A classe trabalhadora brasileira e internacional é composta cada vez mais por mulheres, migrantes, negros, indígenas, LGBTQIAP+ e a opressão de todos os tipos só pode servir à classe dominante, por isso debater como enfrentar a opressão sofrida por todos esses setores é uma questão fundamental para enfrentar e derrotar o capitalismo e para a construção de uma nova sociedade livre da exploração e da opressão.

A luta contra o machismo, o racismo e a homofobia precisa ser assumida com toda força e importância pela classe trabalhadora a partir dos seus sindicatos, nas suas lutas e no cotidiano dos locais de trabalho colocando-se em defesa de todos os setores oprimidos da sociedade e assumindo suas reivindicações. O racismo, o machismo e a homofobia dividem as fileiras da nossa classe e servem à classe dominante para aumentar a exploração. Saudamos as lutas encabeçadas internacionalmente pelo movimento de mulheres questionando o patriarcado, a misoginia e a violência contra as mulheres e apontando um caminho que pode avançar no questionamento da exploração capitalista. Da mesma forma a luta do povo negro que tomaram diversos países no mundo como o movimento Black Lives Matter nos Estados Unidos, a luta do povo haitiano e a heroica resistência do povo palestino que vem sendo massacrado pelo Estado terrorista e sionista de Israel.

#### Propomos:

1) Para avançar na luta pela unidade da classe trabalhadora é preciso defender os setores mais explorados como os trabalhadores terceirizados e precarizados onde os negros e as mulheres são a ampla maioria. Por isso lutamos por iguais direitos e salários entre trabalhadores negros e brancos, mulheres e homens, imigrantes, batalhando pelo fim da terceirização, pela efetivação imediata de todas e todos os trabalhadores terceirizados sem necessidade de concurso nos serviços públicos.

2) Lutar em defesa do direito das mulheres ao próprio corpo e à educação sexual nas escolas para decidir, assim como o direito ao aborto legal, seguro e gratuito para não morrer.

3) Debater nos locais de trabalho e de participação política e social o combate ao assédio e abuso sexual, assim como qualquer tipo de violência contra as mulheres, lutar pela unidade das fileiras de trabalhadores homens, mulheres e LGBTQIAP+, efetivos e terceirizados no combate às opressões. Pela efetivação das trabalhadoras terceirizadas da USP e Serviços Públicos, a terceirização e precarização do trabalho sujeita às piores condições de trabalho e situações de assédio e exploração sexual.

4) Fortalecer as secretarias do Sintusp de luta contra as opressões e fortalecer os setoriais de combate às opressões da CSP-Conlutas.

5) Em defesa das cotas raciais proporcionais a população negra de cada estado, rumo ao fim do vestibular!

6) Intensificar a luta contra o Marco Temporal e pela demarcação dos territórios quilombolas e indígenas;

7) Não à ameaça de nova intervenção militar no Haiti! Fora o imperialismo do Haiti e da América Latina e Caribe! Pelo direito à autodeterminação do povo haitiano!

#### Assina:

**Diretoria do Sintusp**